

XILOGRAVURA DE CIRO (ABLC)



Lula e Francenildo

Cê sabe que a culpa toda/ é dos companheiros do PT/ não tenho culpa de nada/ das coisas que não posso ver/ Companheiro, acho que somos parentes/ eu também sou nordestino/ A granja sempre foi do Torto/ mas eu ainda não conheço esse cretino. **Pedrinho Goltara, no cordel 'Resposta do presidente'**
A questão mais importante/ a origem do dinheiro/ e o mentor da história/ o nome do companheiro/ é segredo de justiça/ ou padre rezando a missa/ para acalmar o vespeiro/ no caso do Francenildo/ o assunto andou ligeiro/ a origem do dinheiro/ foi de pronto revelada/ pela conta escancarada/ do pobre jardineiro **Domingos Medeiros, no cordel 'Dois pesos e duas medidas'**

A peleja de Lula nos

93

Mariana Filgueiras

Se nas urnas do Norte e Nordeste o prestígio do candidato Luiz Inácio Lula da Silva vai muito bem – as duas regiões foram as únicas onde Lula ganhou de Geraldo Alckmin no primeiro turno – nas ruas o presidente enfrenta uma peleja do diabo. Nos varais coloridos pelas xilogravuras, a literatura de cordel não perdoa a crise política instaurada debaixo dos olhos do nordestino. Os versos feitos no período de entressafra eleitoral rimam companheiro com vespeiro, reeleição com mensalão, ignoram o candidato Geraldo Alckmin e reservam ao filho da terra os versos mais indignados.

Nascido em Pombal, no sertão da Paraíba, o cordelista Domingos Medeiros, 60 anos,

perdeu as contas dos versos que escreveu para expressar a revolta com o governo atual. Domingos faz cordel desde menino, paixão herdada do pai, e tem na política a maior fonte de inspiração.

– Estou muito decepcionado – conta, a fala rápida. – Sempre votei em Brizola, mas passei para o Lula. No primeiro turno ainda pude votar em Cristovam, mas e agora?

Nos últimos versos, feitos no dia 22, Domingos ironiza: “No caso da reeleição/ volta toda confusão/ muito riso e pouco siso/ por conta de um dossiê/ crise reinaugurada/

aumenta a desconfiança/ pois ninguém sabe de nada”

Foram tantos os cordéis que Domingos juntou os melhores no livro: *Com humor e afeto – a era Lula*.

– Cordel é crítico. Não tem papas na língua – resume.

Em São Roque da Terra Roxa, povoado da fronteira entre a Bahia e o Espírito Santo, o cordelista Pedrinho Goltara – “Pedrinho mesmo, por erro do cartório” – conta que nasceu no mesmo dia que o candidato Geraldo Alckmin, 7/11/52, “mas não gosta de chuchu”

– Aí veio o mensalão. E

agora não acredito mais em nada. Aqui na minha cidade, só vejo a pobreza aumentar. E o Fome Zero? É nota zero – graceja Pedrinho, que começou a escrever aos sete anos. – Eu aprendi a ler só para ler cordel. As pessoas não imaginam como o nordestino lê, como a cultura é forte. A vida é tão dura que é preciso fazer piada – conta o escritor.

Professor de geologia da Universidade Federal de Pernambuco, o cordelista Gorki Mariano gravou até CD com os versos do cordel anti-Lula: “O nosso presidente inocente/ vive dizendo, vi nada não/ o deputado Roberto Jefferson/ fez um rebuliço em protesto/ resolveu não ficar calado/ e quebrou o antigo trato/ de receber o mensalão/ sem ao menos perguntar/ sobre o que era a questão”.

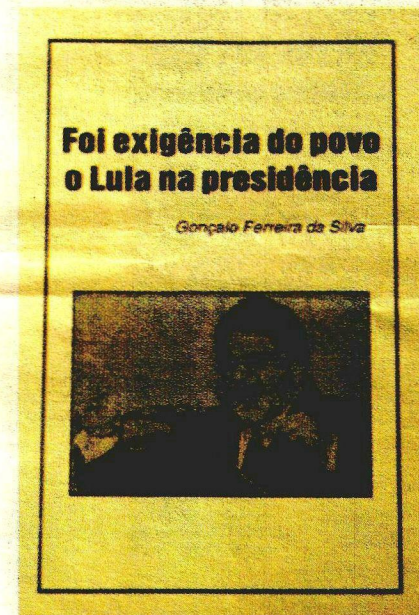
Cordeiros e matreiros

O Brasil agora vai saber/ e talvez vá se arrepender/ e nunca mais querer saber/ de votar e da tal da eleição/ que só engana o pobre/ surrupiando seu cobre/ mas a sociedade deve/ ficar alerta e acordada/ pra não ser, de novo, enganada/ por políticos matreiros/ mãos-leves, trambiqueiros/ que surrupiam o país/ e, hoje, com cara de giz/ se disfarçam de cordeiros. **Gorki Mariano, no cordel 'O presidente inocente'**

ANA PAULA AMORIM



Presidente da Academia Brasileira de Literatura de Cordel, Gonçalo Ferreira da Silva publicou mais de 200 títulos



A crise na economia

o mundo entrou pelo cano/ situação agravada/ pela crise provocada/ contra o povo tucano/ no Brasil, seu aliado/ o de sempre aconteceu/ a Bovespa escorregou/ o risco-Brasil cresceu/ diminuiu o dinheiro/ do capital estrangeiro/ o progresso arrefeceu/ No entanto, mais para frente/ caso vença a eleição/ fica o nosso presidente/ nos devendo explicação/ O futuro é adiado/ e o governo amarrado/ Sob forte suspeição/ Talvez o melhor seria/ Para o bem-estar da nação/ desistir, o presidente/ dessa tal de reeleição/ encerrar sua carreira/ e pendurar a chuteira/ num gesto de campeão. **Domingos Medeiros, no cordel 'Dois pesos duas medidas'**

versos do cordel

O fim do mandato

De fato é inaceitável/ e até mesmo imoral/ sem qualquer conhecimento/ do poder oficial/ ocorrer tanta indecência/ sem qualquer interferência/ da mão presidencial/ Desculpem se estou querendo resultado imediato/ mas peço que me respondam/ por favor, num tom cordato/ será que este presidente/ alcança o fim do mandato? **Gonçalo Ferreira da Silva, presidente da Academia Brasileira de Literatura de Cordel**

“A literatura de cordel ensinou o Nordeste a ler”, brada o cordelista Gonçalo Ferreira da Silva, presidente da Academia Brasileira de Literatura de Cordel, uma garagem no bairro de Santa Teresa, no Rio, coberta por varais de cordéis de toda parte do país. Apaixonado pelo estilo literário, o cearense que adotou o Rio de Janeiro há meio século, vê, no entanto, com ressalvas a maneira agressiva de contaminar a arte.

– Gosto de mostrar o que está acontecendo nos meus versos, criticar com inteligência, mas daí a agredir o presidente... – diz Gonçalo, que, com mais de 200 folhetos e 13 livros publicados, já fez muita piada sobre política nacional.

Apontando os cordéis, conta que já chamou Delfim de “deu fim”, Brizolão de “Brizo-

cão” e, quando Cesar Maia ganhou as eleições municipais em 2004, fez um livreto intitulado *A Cesar o que é de Cesar*. Em 1985, publicou cordel em homenagem a Tancredo Neves: “São Tancredo”. Infeliz com a posse de Sarney, e com os rumos da história, cantou “Muita sarna na sarnaria de Sarney”.

Na posse de Lula, em 2002, não resistiu ao orgulho de ver um nordestino no Planalto e escreveu o cordel *Foi exigência do povo Lula na presidência*, no qual exaltou: “Outro momento importante/ possivelmente

o mais alto/ foi no discurso de posse/ bastante fluente e cauto/ esta impressão que tive/ não tropeçou no alicive/ do Palácio do Planalto”.

Respira um pouco e continua a leitura: – Outra coisa, presidente/ cuidado com os empresários/responsáveis pelas folhas/ de milhões de operários/ eles não foram, não são/ e também jamais serão/ ao governo solidários.

Amigo de infância de Gonçalo, o também cordelista Francisco Paulino Cordeiro interrompe a declamação.

– Quando a Segunda Guer-

ra acabou, quando Getúlio morreu, eu não fiquei sabendo por jornal, não. Fiquei sabendo por cordel. O cordel chega onde nem jornal nem livro alcançam, nos confins do Nordeste. O meu avô me dava conselhos em versos, porque é mais fácil de memorizar.

Francisco se apressa para explicar, didaticamente:

– A literatura de cordel é assim chamada pela forma como são vendidos os folhetos, pendurados em cordões, no Nordeste – ensina o orgulhoso nordestino.

E, como bom repentista, Gonçalo rompe a garagem com mais uma trova:

– Porque se o presidente/ é de outra região/ pode mentir, vacilar/ porém se é do sertão/ selvagem, rude e agreste/ que represente o Nordeste/ errando não tem perdão.

‘O cordel chega onde nem jornal nem livro alcançam, nos confins do Nordeste’, diz o cordelista Francisco Paulino